

ARTIGOS

## LINGUAGEM DA PELE: TRADUÇÃO ETNOGRÁFICA DE UM RELATO SOBRE IMIGRAÇÃO

**Fernanda de Deus Garcia**

*Universidade de Brasília (UnB), Brasil*  
fernanda.deusgarcia@gmail.com

**Alice Maria de Araújo Ferreira**

*Universidade de Brasília (UnB), Brasil*  
malice4869@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v3i1.10835>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo estabelecer as formas de contato entre a etnografia e a tradução, além de propor uma tradução etnográfica de um relato de uma filha de imigrante. Entende-se a etnografia como a observação do outro para estranhar a si mesmo, e esta é usada como um método do traduzir, em que a alteridade e o devir são objetos de estudo do tradutor. Refuta-se a ideia de tradução enquanto passagem, para começar a pensar a tradução enquanto contato de línguas. Usaremos a teoria de François Laplantine sobre o olhar enquanto construído pela lente cultural e sua proposta de se colocar o observador (tradutor) sob a lente do microscópio para poder estranhar-se a si mesmo e sua identidade a fim de tentar alcançar a alteridade diante do contato com a identidade do outro. Ademais, este trabalho se baseia na obra de Henri Meschonnic, buscando entender o traduzir enquanto experiência a partir de uma po-ética, em que se reconhece a inseparabilidade entre linguagem, literatura e historicidade, e a partir da qual não se pode pensar a tradução senão como contato. Por fim, propõe-se colocar em prática essa análise teórica sobre tradução etnográfica ao traduzir um relato sobre imigração escrito por uma filha de uma imigrante nos Estados Unidos, procurando não apagar a alteridade.

**Palavras-chave:** *Tradução Etnográfica, Alteridade, Imigração, Relato.*

### LANGUAGE OF THE SKIN: ETHNOGRAPHIC TRANSLATION OF AN IMMIGRATION STORY

**ABSTRACT:** This article aims at establishing forms of contact between ethnography and translation, as well as at proposing an ethnographic translation of the story of an immigrant's daughter, by her own words. Ethnography is understood as the observation of the other in order to estrange oneself, and is used as a translation method, in which alterity and the concept known as 'becoming' are objects of study for the translator. The idea of translation as passage is refuted, so that it is possible to understand translation as language contact. We use François Laplantine's theory



on how the *look* is built through cultural lens, as well as his proposal of putting himself as an observer (translator) under microscopic lens so as to estrange himself and his identity, with the purpose of reaching alterity through the contact with the other's identity. In addition, this paper is also based on the works of Henri Meschonnic, by trying to understand the act of translating as an experience based on a po-ethics, where we acknowledge the inseparability between language, literature and historicity. From this perspective, one cannot understand translation but as contact. Finally, we propose to put into practice this theoretical analysis about ethnographic translation by translating an account on immigration written by the daughter on an immigrant in the United States, trying not to erase the alterity.

**Keywords:** *Ethnographic translation, alterity, immigration, account.*

## Introdução

Este trabalho tem a proposta de relacionar a etnografia com a prática da tradução, mais especificamente, com o traduzir. Etnografia, literalmente, significa a escrita (*grafia*) da cultura (*etno*), mas esse conceito se expande a partir da problematização e do questionamento do que de fato significa essa escrita, e principalmente essa cultura. O pensar etnográfico reconhece que nossa própria escrita, por mais que prometida como objetiva, é intrínseca a uma linguagem própria, e o olhar que nós temos sobre a cultura observada está manchado por pela nossa lente cultural (LAPLANTINE, 2004, p. 18). Por isso que a concepção de etnografia não pode se resumir apenas a escrever sobre uma cultura, e deve englobar o trabalho de observar o outro para estranhar-se a si mesmo (LAPLANTINE, 2004, p. 15).

A relação entre etnografia e tradução, a tradução etnográfica, é importante pois promove uma ampliação e uma ruptura na concepção tradicional de tradução enquanto passagem. Ela não consiste em traduzir textos de natureza etnográfica, mas sim em um modo, um método tradutório. A tradução etnográfica não tem foco no texto de partida, tampouco no texto de chegada. A categoria de 'etnográfica' se materializa no intermédio desses dois, no contato entre os dois textos, entre as duas línguas, entre os dois discursos. Ela se manifesta no contato, no encontro de diferenças. Como diz Alice Ferreira, "O traduzir é uma relação que mantemos com outrem, o outro discurso, e se caracteriza por isso como diálogo" (2014, p. 385).

Tendo isso como premissa, o objeto de estudo do tradutor não é um texto em si, mas sim o encontro. Em outras palavras, o objeto está em pôr em prática o devir,



onde deixamo-nos tocar pelo outro, pôr nossa própria língua em movimento, em devir, em relação com o outro, a outra língua, o outro discurso. O objetivo máximo de uma tradução com proposta etnográfica é fazer manifestar a alteridade, e não o apagamento da identidade do outro.

Este trabalho será dividido em três partes. A primeira, será explorada a relação entre etnografia e traduzir, baseando-se no trabalho de alguns autores como La Plantine e Meschonnic. Em seguida, pôr em prática a tradução enquanto leitura analítica de um relato escrito por uma adolescente filha de imigrante nos Estados Unidos. E por fim, propõe-se uma tradução deste relato, vendo a tradução como poética e escrita.

### **A tradução etnográfica**

François LaPlantine, em *A Descrição Etnográfica*, faz uma diferença entre ver e olhar. Enquanto ver é um sentido físico, o olhar parte da lente cultural. Olhamos o que já conhecemos, olhamos o que nossa linguagem já consegue nomear (2004, p. 18). Quando se fala em etnografia, se fala em transformar o olhar em escrita, em pôr em linguagem o que se vê. Para além disso, entretanto, é necessário o trabalho de mudar essa lente cultural do olhar. Levi-Strauss também levanta uma reflexão que promove a ruptura do olhar. Quando ele veio ao Brasil, ele próprio se transformou em seu objeto de inquietação, pois era sujeito do olhar (FERREIRA, 2014, pp. 383, 385).

Assim como o observador em campo se torna objeto de estudo no próprio campo de observação, o tradutor também deve ser colocado sob a lente da análise durante a tradução. Não existe observação sem modificação (LAPLANTINE, 2004, p. 27). Paralelamente, o primeiro passo para um traduzir etnográfico é o tradutor admitir o limite de seu olhar e que “não existe posição neutra para a palavra” (LAPLANTINE, 2004, p. 28). Justamente por isso que o “campo” do tradutor não é um texto, mas sim o encontro entre o pesquisador (tradutor) e seus objetos de estudo (o texto, o autor, o discurso) (LAPLANTINE, 2004, p.41). São nesses confrontos, muitas vezes angustiantes, que se manifesta a alteridade. Não é possível se estabelecer com o outro sem uma questão ética. A escrita vem sempre do encontro, não apenas do tradutor sozinho. O encontro é sempre intersubjetivo, e a



tradução é sempre interdiscurso (FERREIRA, 2014, p. 384). No processo de traduzir, há o encontro com algo que está fora do tradutor e se manifesta na escrita. Esse encontro pode ser violento e apagador e assim se manifestará na escrita. Por outro lado, ele pode ser de visibilidade, o que também vai aparecer na escrita. A questão é entender o que acontece com o discurso do outro quando este é traduzido. É uma tarefa laboriosa, já que “o etnógrafo-tradutor deve estar atento em não escrever essa falta entre o desejo de ver e a experiência do olhar, para não escrever seus próprios desejos do que quer ver” (FERREIRA, 2014, p. 387). Limitados pelo nosso próprio olhar, nossa própria cultura e linguagem, tradutores devem por sob o microscópio seus próprios desejos para não apagar a alteridade. Importante notar o que Meschonnic nos lembra: “o mal a apagar é sempre a diferença e a diversidade das línguas (2010, p. XXVI).

Esse “entender” o que acontece abrange várias etapas e várias problematizações. É necessário, de antemão, fazer a reflexão sobre a própria língua, e Malinowski a categoriza como central para a teoria etnológica (SIMON, 2017, p. 29). De forma tradicional, quando um tradutor está diante de um texto a ser traduzido, a relação que vem à mente costuma ser a relação entre duas línguas (o português e o inglês, por exemplo), e mais profundamente a relação entre os léxicos “disponíveis” nessas línguas. Um exemplo clássico é a palavra ‘saudade’ no português, que é comumente dita como intraduzível. Entretanto, a intraduzibilidade não se dá porque não existe uma palavra em outra língua. Ela ocorre porque nenhuma língua veio ao mundo da mesma maneira. Diferentes línguas são diferentes perspectivas de mundo. O que está em jogo é um pensar e um ver de mundo diferentes, e é isso que causa o estranhamento. A tradução etnográfica “não procura transformar o outro em mesmo, mas cria um reconhecimento do outro enquanto outro” (FERREIRA, 2014, p. 388). Henri Meschonnic diz que, além da função prática da tradução, esta:

desde sempre, tem um lugar maior como contato entre línguas” e que ainda há outro efeito da intensificação das relações internacionais: “o reconhecimento de que a identidade não é mais universalização e não advém senão da alteridade, por uma pluralização na lógica das ligações interculturais. Isto não sem crises. (2010, p. XXI)



Uma cultura se mostra em modos de dizer, e não pode ser reduzida a um léxico. A pergunta feita por etnógrafos e, por consequência, por tradutores etnográficos, é “de que maneira nós mesmos nos inscrevemos em nossas descrições ou traduções?”. Não existe apagamento do tradutor, uma vez que este, ao estar inserido em uma cultura, produz e reproduz discursos e dizeres de sua visão de mundo, diferente daquele que está por ser traduzido. É por isso que, assim como etnólogos em campo, os tradutores devem ser seus próprios objetos de estudos, para que se consiga ver a relação entre os textos, os discursos, as culturas, e não apenas o texto traduzido ou o texto original isoladamente. Como Laplantine afirmou:

A tradução permite ao que é exterior tornar-se interior. Interiorizando a língua do outro, ela transforma a exterioridade em experiência interior. No entanto, o trabalho de tradução, como o trabalho da etnologia, nunca vai até a identificação e a fusão. Fazem aparecer, pelo contrário, espaços e interstícios sem os quais se acaba com o pensamento (quero dizer do pensamento não-dogmático)<sup>4</sup>. (1995, p. 505, tradução nossa)

Partindo desse pensamento, podemos trazer também as palavras de Meschonnic ao dizer que “uma tradução é um ato de linguagem” (2010, p. XXVI). O traduzir é uma experiência, e que a teoria é o acompanhamento reflexivo, em que a experiência vem primeiro (MESCHONNIC, 2010, p. XVII). Essa experiência tradutória acompanhada de reflexão teórica se encontra no campo dos estudos da linguagem.

Meschonnic, então, procurar dar lugar à poética no traduzir, não na tradução - produto final -, mas no processo, na atividade (2010, p. XIX). Não se pode, tampouco, falar em atividade sem falar de discurso. O autor se preocupa em trazer a diferenciação entre língua e discurso. “Língua é o sistema de linguagem que identifica a mistura inextricável entre uma cultura, uma literatura, um povo, uma nação, indivíduos, e aquilo que eles fazem dela”, enquanto o discurso é a atividade de um ser que ‘fala’, que, ao falar, se inscreve gramaticalmente como sujeito da fala. (2010, p. XX). O discurso é uma subjetivação da fala. Não é um povo, não é uma língua. É um sujeito. Justamente por isso, que não se traduz línguas, mas sim,

---

<sup>4</sup> Original: “La traduction permet à ce qui est extérieur de devenir intérieur. Intériorisant la langue de l’autre, elle transforme l’extériorité de devenir intérieure. Néanmoins, le travail de traduction, de même que le travail de l’ethnologie, ne vont jamais jusqu’à l’identification et la fusion. Ils font apparaître, au contraire, des espaces et des interstices sans lesquels c’en est fini de la pensée (je veux dire de la pensée non dogmatique)” (LAPLANTINE, 1995, p. 505).



discursos. O português, por exemplo, está ali, vivo dentro de várias culturas, com sua gramática e léxicos “presos” a vários sistemas. Ao traduzir Clarice Lispector, não se traduz O português, se propõe traduzir Clarice: um sujeito com seu(s) discurso(s).

E como já vimos, não há imparcialidade na observação, não há imparcialidade na leitura e tampouco no traduzir. Essa afirmação, aparentemente óbvia, é de certa forma revolucionária para os estudos da tradução pois vai de encontro com o pensamento tradicional de tradução enquanto passagem, enquanto ponte de uma língua para outra, como se o texto traduzido fosse ser exatamente igual o texto original, porém em outra língua, ou que a tradução pareça sempre um original. (MESCHONNIC, 2010, p. XXI) Outra concepção de tradução está na ideia de que se deve traduzir apenas o sentido. O tradutor se torna, então, um intérprete e enche seus discursos com “o que o autor quis dizer é...”. Meschonnic diz que não se pode pensar a tradução enquanto interpretação, “porque a interpretação é da ordem do sentido e do signo. Do descontínuo. Radicalmente diferente do texto, que elabora aquilo que diz. O texto é portador e levado. A interpretação, somente levada” (2010, p. XXIX).

É aí que o autor traz o lugar da poética para o traduzir, onde se reconhece a “inseparabilidade entre história e funcionamento, entre linguagem e literatura [...], a historicidade do traduzir e das traduções” (MESCHONNIC, 2010, p. XXIII). Através da poética, não se traduz mais de língua a língua, e sim de texto a texto, mostrando a “alteridade linguística, social e histórica, como uma especificidade e uma historicidade” (2010, p. XXIV). Para a poética, a unidade da linguagem não é a palavra, tampouco seu sentido. A unidade da linguagem (e da tradução) passa a ser o discurso. Pois não se resume mais a relação entre a língua de chegada e de partida com a oposição entre significante e significado. Isso, Meschonnic chama de descontínuo, o que resume a linguagem às unidades da língua. A unidade se estabelece no contínuo - pelo ritmo, pela prosódia -, contínuo que entende o discurso como atividade dos sujeitos, onde o corpo e o sentido não são separados nem separáveis (2010, p. XXXI).

Uma tradução etnográfica não pode ser feita sem antes uma leitura crítica analítica do texto original. Essa leitura crítica não pode ser confundida com interpretação. Não é uma análise que busca chegar ‘no que o autor quis dizer’. Laplantine critica o pensamento científico que busca a profundidade, ‘o real sentido’,



pois “o pensamento é inseparável do seu modo de expressão, e os problemas “de forma” são, de fato, problemas “de fundo” (1995, p. 500, tradução nossa)<sup>5</sup>. Afinal, toda reflexão é reflexão sobre a linguagem. A leitura analítica é leitura do que está manifesto, como Laplantine diz, “a linguagem da pele” (1995, p. 499)<sup>6</sup>, a superfície.

Após essa leitura, que não propõe decifrar, mas de fato *olhar* o texto, vem a etapa do traduzir, a etapa de colocar em contato as línguas, os discursos, e de (tentar) pôr em prática a alteridade. Neste artigo, propusemo-nos a fazer uma tradução etnográfica de um relato real de uma imigrante que mora nos Estados Unidos. É onde se põe em prática o resultado do devir, a manifestação de deixar-me tocar pelo outro.

### **Leitura da linguagem da pele**

O texto escolhido para a experiência de uma tradução etnográfica deste artigo foi tirado de um site chamado My Immigration Story<sup>7</sup> (Minha História de Imigração) e é composto por diversos relatos de imigrantes que hoje moram nos Estados Unidos. São relatos escritos pelos próprios imigrantes e postados da mesma forma que enviados. Isso tem importância na medida em que a narrativa, a pontuação, as escolhas das palavras, a regência e outras características textuais formam o discurso do indivíduo. Isto é, a linguagem usada para descrever sua história é sua própria história, e onde sua identidade é manifestada textualmente. Meschonnic chama do contínuo a inseparabilidade da forma do sentido, e o título desta seção busca justamente remeter àquilo que Laplantine chamou de superfície do texto, a linguagem da pele. A linguagem da pele desta filha de imigrante.

*“I’m lucky. I’m 16, live in a small town and I am a daughter of an immigrant. Growing in a small town, when 96 percent of the population is white is tough. You turn white. Sure, the color of my skin will never be the color of a piece of printer paper but inside it feels like I’m all white. I guess the word “anchor baby” defines me.... sort of. I’m the president of debate club, where we talk about bills, current news topics, and political nominees. The hardest topic... Is immigration reform. People are so uninformed. “Yes I*

---

<sup>5</sup> Original: La pensée est inséparable de son mode d’expression, et les problèmes “de forme” sont en fait des problèmes “de fond” (LAPLANTINE, 1995, p 500).

<sup>6</sup> Original: “la langage de la peau” (LAPLANTINE, 1995, p. 499).

<sup>7</sup> Fonte: [www.myimmigrationstory.com](http://www.myimmigrationstory.com), último acesso em 05 de julho de 2017.



*believe we should deport all undocumented immigrants here, and they should get in line with all the other people to get their papers... LEGALLY" I find that easier said than done. I haven't seen my father since I was 8 and only spoken to him on the telephone. He was deported in 2009. The last day I saw him was in a train station... And I had no idea why I was saying good bye... and why everyone was crying. When my friends came over and asked where my father was I said he was "working". Every year on my birthday he calls me and I try hard not to cry because I know it's another year of him not being able to see me grow. My mother is a single mom. Terrified of being deported. Just a couple weeks ago she was caught. She was driving to work when a police officer pulled her over because she wasn't wearing her seat belt. For anyone else it's just a ticket. For a single mother that is illegal it's "I have to go to court, I have to show identification... They will find out I am illegal. I will be deported... I have to call my lawyer... Who will take care of my daughters?" I hate seeing my mother in constant fear. I hate hearing family members and friends calling us to be careful because in Hudson ICE was seen deporting families. She's scared. I'm scared. We're all scared. Living the American dream shouldn't consist of being scared every second of the day.*

*E.G.*

*Albany, New York"*

À primeira vista, se vê que o texto é escrito em um bloco só, sem separação em parágrafos. Parágrafos costumam ser marcações de separação de assuntos, mas no caso dela, não há o que ser separado. Tudo o que ela escreve diz respeito a sua história de forma única. Em seguida, ao começar a ler o texto, nos deparamos com dois períodos. Um simples e curto "*I'm lucky*", e a outra mais longa, com três orações que vão progredindo em questão de tamanho e força "*I'm 16, live in a small town and am the daughter of an immigrant*". A informação básica e primeira que ela informou para o leitor antes do restante do texto está dita em uma linha e de forma potente.

Ao longo do texto, podemos ver que ela escreve frases curtas, expressivas e pouquíssimas vírgulas, por exemplo. Isso é uma manifestação da fala na escrita, e quando se lê um texto com grandes marcas da linguagem falada, é mais possível ouvir e ver a pessoa falando e se expressando. A identificação e alteridade se intensificam em situações de contato direto. Além da quantidade pequena de vírgulas, podemos ver uma pontuação não tradicional para a escrita, isto é, com pontos finais separando orações que poderiam ser conectadas diretamente, reticências, dando uma ideia de pausa ou questionamento, caixa alta para dar ênfase, linguagem direta para se referir ao pensamento e fala de outras pessoas que não ela.



Todas essas manifestações constroem um ritmo para o texto. Ritmo este que não deve ser tirado ou mascarado na tradução, uma vez que ele expressa a subjetividade da autora. Meschonnic reconhece e exalta a importância do ritmo, dizendo que “o ritmo, organização do movimento da palavra na escrita, é então a unidade de equivalência numa poética da tradução” (2010, p. LXIII). A manifestação de um sujeito sobre si mesmo na escrita não se resume às escolhas lexicais, mas também à oralidade do texto.

Analisemos, então, o seguinte trecho para exemplificar o ritmo do relato da adolescente: “*The hardest topic... Is immigration reform. People are so uninformed. “Yes I believe we should deport all undocumented immigrants here, and they should get in line with all the other people to get their papers... LEGALLY” I find that easier said than done.*”. Antes dessa parte, ela disse que é presidente do clube de debate e, para falar qual o assunto mais doloroso para ela debater, ela usa as reticências separando o sujeito do complemento. Com essa pausa, é possível sentir, enquanto leitor, que realmente é um assunto diferenciado para ela, como se tivesse sido difícil até escrevê-lo. Logo em seguida, ela chama as pessoas de desinformadas e escreve uma citação entre aspas. Não foi necessário explicar para o leitor, por exemplo, que essa é uma fala dita pelas pessoas desinformadas, isso fica claro. Ao final da citação, ela também usa o recurso das reticências para uma pausa antes da palavra LEGALLY, em caixa alta. Ambas as reticências e a caixa alta sugerem um poder para a palavra, que costuma ser bastante usada nas conversas sobre imigração. Após as aspas, ela nem coloca um ponto final e logo dá uma resposta para essa afirmação: *I find that easier said than done*. Talvez por pressa? Urgência de resposta?

Outro trecho também merece destaque no que diz respeito à análise do ritmo. O momento em que ela fala do sofrimento de sua mãe, ilegal no país e solteira, ao ser pega no trânsito dirigindo sem cinto de segurança: “*For a single mother that is illegal it’s “I have to go to court, I have to show identification... They will find out I am illegal.. I will be deported... I have to call my lawyer... Who will take care of my daughters? ”*. Em vez de escrever em terceira pessoa o que a mãe poderia sentir ou pensar, ela escolhe abrir aspas e escreve como se fosse a própria mãe, martelando na mente todo o processo jurídico que ela teria que enfrentar. O uso da primeira pessoa, o uso das reticências conectando uma frase na outra, mostrando a linha de raciocínio, são mecanismos palpáveis e eficazes de mostrar o desespero de ter que passar por tudo



aquilo. Em especial, a última frase da sequência: “*Who will take care of my daughters?*”. Assim ela termina a linha de raciocínio da mãe, com uma pergunta impactante, mostrando o ponto máximo de sua preocupação: suas filhas. Tudo isso é transmitido por meio da construção do texto, seu ritmo, sua oralidade.

Em questão de ritmo, o texto está rico em estratégias de expressar aquilo que nos remete ao que a adolescente pode estar sentindo. Mas, para além do ritmo, há também a questão do campo lexical do texto. Já se pode esperar que, em um relato sobre imigração, apareçam palavras do campo jurídico, imigratório, mas também palavras que expressem sentimentos, emoções, impressões sobre o processo. Neste relato, não foi diferente. Ela usa termos como “*legally, illegal, undocumented immigrants, to deport, bills, papers, to get in line*”. Termos estes que fazem parte do dia-a-dia de milhões de imigrantes no mundo, em especial nos Estados Unidos, onde ela vive. Mas o relato não contém apenas termos técnicos relacionados a imigração. Ele é recheado de adjetivos, verbos, substantivos relacionados aos sentimentos da família, dela, da mãe, mas em especial termos sobre medo e tristeza: “*tough, terrified, scared, constant fear, crying, hate, try hard not to cry*”.

Essa análise prévia ao traduzir em si também faz parte do processo da poética do traduzir. Entender a superfície do texto, como Laplantine chama, é essencial para que o tradutor perceba a escrita do autor, suas expressões, suas escolhas de vocabulário, seu uso de pontuação, repetições, enfim, tudo aquilo que expressa a identidade do autor. Reconhecer essa identidade como única, como discurso (e não como língua, geral, comum a todos os falantes daquele idioma) é o contato de identidades, onde a alteridade de manifesta. Não se trata, tampouco, de traduzir palavra por palavra, o tipo de tradução considerado mais literal possível, mas sim de estudar os mecanismos na língua de chegada para que não se apague esse discurso produzido por alguém de outra vivência diferente da nossa.

### **Tradução: poética e escrita**

Em todo trabalho de tradução, há o processo de escrita, e se há escrita, há linguagem, e obviamente, há poética. Se uma tradução é um ato de linguagem (MESCHONNIC, 2010, p. XXVI), ela também é discurso. Porém, ela não é exatamente



o mesmo discurso do texto original. Ela é resultado de um encontro entre dois sistemas de línguas (no mínimo), duas culturas distintas e entre pelo menos duas pessoas inseridas nesses sistemas, o autor e o tradutor. Assim como o autor, o tradutor está dentro de um tempo-espço que irá se manifestar na tradução, o que não tem como ser apagado, pois essa historicidade e espacialidade são a linguagem. Meschonnic afirma que:

os dois maiores princípios da poética são: a invenção de uma historicidade por um sujeito, [e] a invenção de um sujeito específico por esta historicidade. [Ele continua dizendo que] a historicidade de uma tradução, como de uma obra dita original, é função, ao contrário das razões falaciosas do gênio das línguas, que são todas uma tradição, da inscrição aí de um sujeito. [...] Essa subjetivação pertence a uma prática e a um pensamento do contínuo. Contínuo rítmico, prosódico, semântico. Contínuo da linguagem ao seu sujeito. Contínuo de língua à literatura, de discurso à cultura, de linguagem à história. (2010, p. XXXII, XXXIII)

Partindo desse princípio, pensar uma tradução que se propõe a parecer “original” implica em apagar “as particularidades que pertencem a um outro modo de significar, apagar as distancias, de tempo, de língua, de cultura” (MESCHONNIC, 2010, p. XXXIV). Laplantine também se posiciona em relação à tradução enquanto escrita, dizendo que esta “não consiste em uma reprodução, uma reedita, uma repetição, uma réplica, um duplo do texto primeiro” (1995, p. 506). Existe um paradoxo da poética sobre a inscrição do tradutor na tradução e na manutenção da alteridade (historicidade, subjetividade) do autor. Justamente aí que se manifesta a poética: no contato entre todos esses campos, que vão muito além das estruturas linguísticas e léxico de duas línguas diferentes. É por isso que Meschonnic diz que traduzir é uma experiência, pois, como ele mesmo diz, “os problemas do traduzir põem a nu os efeitos do signo”, mas essa crítica ao signo só é possível “como um pensamento do conjunto da linguagem e da literatura” (2010, p. LXIII).

É crucial que um tradutor que se propõe a fazer uma tradução etnográfica tenha em mente essas questões ao traduzir algum texto. Ter como objeto da tradução, ou melhor, objeto do traduzir, a poética, o ritmo, a linguagem, a historicidade, a alteridade, muda a relação do tradutor com o texto original assim como sua relação com o resultado final do traduzir. Meschonnic afirma que “O pensamento poético é a maneira particular pela qual um sujeito se transforma, inventando-se, os modos de significar, de sentir, de pensar, de compreender, de ler,



de ver – de viver na linguagem. [...] E isto que fica para traduzir” (2010, p. XXXVII). Abaixo, está a nossa experiência de traduzir o relato da menina de 16 anos, filha de uma imigrante nos Estados Unidos:

*Tenho sorte. Tenho 16 anos, moro em uma cidade pequena e sou filha de imigrante. Crescer em uma cidade pequena, quando 96 por cento da população é branca, é difícil. Você se torna branco. Claro, a cor da minha pele nunca vai ser a cor de um papel de impressora, mas por dentro eu sinto como se fosse toda branca. Acredito que o termo “bebê âncora” me define... um pouco. Sou presidente do clube de debate, onde falamos sobre projetos de leis, notícias atuais e candidatos políticos. O tema mais difícil... é a reforma da imigração. As pessoas são tão desinformadas. “Acho sim que devemos deportar todos os imigrantes sem documentação aqui, e que eles devem entrar na fila com todas as outras pessoas para conseguir seus documentos... LEGALMENTE” É mais fácil falar do que fazer. Não vejo meu pai desde que eu tinha 8 anos e só converso com ele por telefone. Ele foi deportado em 2009. O último dia que o vi foi em uma estação de trem... e eu não fazia ideia por que estava dizendo adeus... e por que todo mundo estava chorando. Quando meus amigos vinham aqui em casa e me perguntavam onde meu pai estava, eu dizia que ele estava ‘trabalhando’. Todo ano no meu aniversário ele liga e eu tento muito não chorar porque eu sei que é outro ano sem ele poder me ver crescer. Minha mãe é mãe solteira. Tem pavor de ser deportada. Apenas algumas semanas atrás ela foi pega. Ela estava dirigindo para o trabalho quando um policial a parou porque não estava usando o cinto. Para qualquer outra pessoa, é só uma multa. Para uma mãe solteira e ilegal no país, é um “vou ter que ir a julgamento, vou ter que mostrar a identidade... vão descobrir que sou ilegal... vou ser deportada... vou ter que ligar para o advogado... quem vai cuidar das minhas filhas?”. Odeio ver minha mãe com medo o tempo todo. Odeio ouvir familiares e amigos mandando termos cuidado, porque em Hudson, o Immigration Customs Enforcement foi visto deportando famílias. Ela tem medo. Eu tenho medo. Todos temos medo. Viver o sonho americano não deveria ser ter medo a cada segundo do dia.*

*E.G.*

*Albany, New York.*

Procurar manter a oralidade, o ritmo foi primordial no processo tradutório. A pontuação também tem um fator determinante no ritmo, uma vez que não somente determina regras estruturais de uma língua, mas a fluência na leitura. Se ficássemos presas às línguas, e não ao discurso, como é de praxe, reinariam pré-conceitos de que ‘em português, se usa mais vírgulas que em inglês’, por exemplo, ou de que ‘textos em português possuem frases mais longas do que em inglês’. Uma tradução não etnográfica tende a se prender mais a isso e proporia acrescentar vírgulas, ou juntar frases no texto acima, a fim de ‘torná-lo mais natural para o leitor



do português', usando, suponhamos, do argumento de que o que importa é o sentido, em detrimento da forma. Isso recai no que Laplantine critica: a busca pelo profundo, o verdadeiro sentido. Porém, como já vimos, não existe separação entre forma e sentido, pois não existe sentido sem a forma, tampouco a forma sem seu sentido. Isso é a linguagem. Isso não impede, tampouco, que haja acréscimos de vírgulas em alguns períodos no texto acima. O critério para isso, porém, se baseia também na oralidade, e não apenas na gramática normativa.

Além da pontuação, o ritmo também é constituído por diversos outros recursos, como: aliterações, assonâncias, repetições e gradações e ordem das palavras nas frases. Por exemplo, já na segunda linha, há a frase "*Crescer em uma cidade pequena, quando 96 por cento da população é branca, é difícil.*". Pensamos em mudar a ordem da frase, começando-a com o predicado "é difícil", já que o sujeito "crescer em uma cidade pequena", junto com a oração subordinada "quando 96 por cento da população é branca", são bastante longos. Não há dúvidas de que a leitura seria mais 'clara' assim, porém, essa escolha elimina de antemão a espera pelo resultado da frase, que seria dito logo de primeira. Em outras palavras, deixar o predicado para o fim não é apenas uma escolha de manter "fielmente" a estrutura gramatical, mas de manter um certo tipo de suspense, espera para saber o que a autora sente sobre crescer em uma cidade pequena. Essa espera, mesmo com a falta de facilidade na leitura, faz parte da oralidade do relato.

Outro exemplo são as repetições e aliterações, que também concebem ao texto um ritmo próprio: "***vou** ter que ir a julgamento, **vou** ter que mostrar a identidade... **vão** descobrir que sou ilegal... **vou** ser deportada... **vou** ter que ligar para o advogado... quem vai cuidar das minhas filhas?*"; "*Ela **tem medo**. Eu **tenho medo**. Todos **temos medo**. Viver o sonho americano não deveria ser **ter medo** a cada segundo do dia.*". É possível que haja leitores que se sintam incomodados com a quantidade de repetições e aliterações na versão em português, pois existe um senso-comum de que, em português, deve-se evitar repetições e investir em sinônimos para riqueza de vocabulário.

Evitar estranhezas também tem o costume de ser almejado em uma tradução. Entretanto, o apagamento da estranheza também é um tipo de apagamento da alteridade. O texto não foi escrito em português, ele é um resultado da historicidade

e linguagem de uma certa vivência diferente daquelas de quem o lê em outra língua. O texto é o resultado de uma subjetividade, um discurso outro ao leitor.

Duas partes no relato tem o potencial de causar estranheza ao leitor. A primeira é: “Claro, a cor da minha pele nunca vai ser a cor de um **papel de impressora**, mas por dentro eu sinto como se fosse toda branca. Acredito que o termo “**bebê âncora**” me define... um pouco.”. Em português do Brasil, é possível se referir à cor de pele muito branca como “cor de papel”, mas não é comum especificar qual o tipo de papel, como está no texto, “papel de impressora”. Retirar esse detalhe do texto, por exemplo, pode causar o efeito de minimizar a comparação que ela fez; ela nunca será branca como *esse tipo* de papel, o mais branco do mercado. Logo depois, ela fala do termo “bebê âncora”, que não possui uma explicação no texto e é capaz de causar ainda mais estranhamento em leitores que não estão inseridos em ambiente onde o contato com migrantes não seja tão comum. Enquanto tradutoras, poderíamos explicar no próprio texto o que é ser um bebê âncora, ou poderíamos adicionar uma nota para tal. Porém, qualquer que fosse o acréscimo no texto quebraria seu ritmo. Além do mais, dado o contexto do relato, onde ela se diz filha de imigrante e não uma imigrante ela mesma, não fica difícil entender o que significa ‘bebê âncora’.

A segunda parte que pode causar algum tipo de estranhamento é “*Odeio ouvir familiares e amigos mandando termos cuidado, porque em Hudson, o Immigration Customs Enforcement foi visto deportando famílias*”. Se, por um lado, bebê âncora pode ser entendido pelo contexto, acreditamos mais difícil ter esse entendimento sobre “ICE”. ICE é sigla para “Immigration Customs Enforcement”, a agência que gerencia a situação dos imigrantes nos Estados Unidos. A proposta de escrever o nome da agência no lugar de deixar a sigla se deu porque nada no contexto realmente remetesse a algum entendimento do que isso seria. Porém, a tradução do termo também não seria satisfatória, pois não é um órgão brasileiro, tampouco com nome em português. Quem deporta as famílias nos Estados Unidos é o *Immigration Customs Enforcement*, não o “órgão regulador de imigração”, é o ICE. Escrever o nome completo e não o traduzir é uma forma de manter no texto qual é a agência de quem a autora tem medo e deve se proteger, porém de forma que o leitor distante daquela realidade possa entender do que se trata, uma vez que as palavras

'immigration' e 'enforcement' podem ser relacionadas com palavras em português mesmo sem que o leitor entenda inglês.

## Conclusão

Realizar a experiência do traduzir com o viés etnográfico certamente não é fácil. É sair da nossa zona de conforto enquanto tradutores que buscam comparar línguas, gramáticas e estão presos ao sentido 'profundo' do texto. Buscar traduzir etnograficamente abre nossos olhos enviesados por nossos limites sócio-histórico-culturais para esses próprios limites. Não apenas isso, mas também abre os olhos para o diferente, para a outra identidade, que é realizada por meio de um outro discurso, alheio a nós.

Este trabalho procurou unir a teoria da tradução etnográfica com a prática, a experiência do traduzir. À primeira vista, o relato escolhido pareceu simples de se traduzir, mas diante do processo de leitura analítica do texto original e tradução, viu-se que há um discurso próprio da adolescente, uma visão de mundo e experiência que é manifestado em seu relato. A proposta foi de seguir uma metodologia etnográfica para que o seu discurso não fosse apagado durante o traduzir, tendo em mente a alteridade como finalidade.

O viés etnográfico permite que a alteridade em relação ao outro se manifeste. Como é possível uma tradução que apaga tanto o discurso do outro em prol de uma rigidez linguística ou cultural, ou em prol de um leitor que apenas consegue digerir o que lhe é semelhante? O viés etnográfico nos abre a perspectiva de ver a tradução como um ato de linguagem, como um discurso e escrita próprios, e não como caminho, ponte entre dois sistemas. Se torna fundamental, então, que o tradutor faça a análise crítica sobre suas próprias escolhas no processo tradutório, uma vez que, reconhecendo seus limites, ele entende que essas escolhas não são apenas "escolhas", mas manifestações escritas moldadas por uma certa linguagem, onde o que está sendo dito não se separa de como está sendo dito, isto é, o sentido não se separa da forma. E, além disso, deve-se reconhecer que sua linguagem entrará em contato com outra linguagem, outro modo de ver o mundo, outro modo de expressar o mundo, que não podem, e nem devem, ser apagado, no traduzir. Esse trabalho em

torno do traduzir, que reconhece a unidade de linguagem (e conseqüentemente, a unidade de tradução) é o que Meschonnic chama de poética (2010, p. XXXI).

### Referências Bibliográficas

FERREIRA, Alice Maria A. O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Levi-Strauss tradutor em *Tristes Tropiques*. **Acta Scientiarum**, Vol. 36, n. 4, 2014, pp. 383-393.

LAPLANTINE, François. L'ethnologue, le traducteur et l'écrivain. **Meta**, Vol. XL, n. 3, 1995, pp. 497-507.

\_\_\_\_\_. **A Descrição Etnográfica**. Tradução de João Manuel Ribeiro Coelho e Sergio Coelho. São Paulo: Terceira Imagem: 2004.

MESCHONNIC, Henry. **Poética do Traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva: 2010.

SIMON, Sherry. Excursions ethnologiques: contextes pour penser les pouvoirs de la traduction. **TTR: traduction, terminologie, rédaction**, Vol. 1, n. 2, 1988, pp. 28-36.

---

### Biografia das autoras

**Fernanda de Deus Garcia** é mestre em Estudos da Tradução (2019) pela Universidade de Brasília. Fez parte do grupo de Pesquisa MOBILANG, Mobilidades e Línguas em Contato, no qual pesquisou o papel do intérprete comunitário nas entrevistas de solicitação de refúgio. Atualmente é professora substituta no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília.

**Alice Maria de Araújo Ferreira** é doutora em Linguística (2000) pela Universidade de São Paulo (USP). Desenvolveu uma pesquisa em tradução etnográfica durante seu pós-doutorado na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora de Tradução francês no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília. Professora permanente do Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD). Coordenadora do grupo de pesquisa Tradução Etnográfica e Poéticas do Devir (Cnpq-UnB/DPG).

Recebido em: 30/07/2018  
Aceito em: 02/05/2019  
Publicado em junho de 2019